

FORMAÇÃO MORAL NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO, A CULTURA E A RELIGIÃO

Tatiane Evelin Cardoso de Castro¹, Nathália Rodrigues de Campos²

¹Faculdade Líbano, Araxá, Brasil (tatievelinadv@gmail.com)

²Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), Alfenas, Brasil

Resumo: A crescente regulação algorítmica das vivências cotidianas reconfigura os processos associados à constituição ética. Este estudo investiga como os ecossistemas mediados por Inteligência Artificial influenciam o discernimento moral, a produção de sentidos culturais e as vivências de sofrimento moral entre adolescentes. Mediante revisão integrativa da literatura, discutem-se desafios éticos, educacionais e sociais para a educação interdisciplinar e os espaços de transmissão de valores.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Formação Moral; Sofrimento Moral; Educação Interdisciplinar; Cultura e Religião.

INTRODUÇÃO

A constituição ética e o desenvolvimento do freio moral representam uma trajetória relacional edificada por meio das experiências vividas em diferentes esferas de socialização. Família, escola, comunidades religiosas e outras instituições desempenham um papel na transmissão de valores, pensamento crítico e na capacidade de interpretar e responder a situações do cotidiano. Diferentemente de um processo linear, essa maturação é possibilitada por interações entre indivíduos, práticas sociais e referências simbólicas que servem como base para a jornada humana.

No entanto, nos últimos anos, a revolução digital nas tecnologias de IA, sistemas de inteligência artificial (IA) e outras plataformas trouxe novas dinâmicas nas relações interpessoais. Mais do que apenas transferência de informação, esses ecossistemas virtuais estão agora diretamente envolvidos na transmissão de conhecimento, na formação de rotinas e até na orientação das escolhas individuais.

Embora não substituam as instâncias secularmente responsáveis pela orientação ética, as tecnologias preditivas estão sendo cada vez mais utilizadas na interpretação do mundo e na orientação de culturas e valores espirituais.

Essa mudança é um tema que permanece aberto na literatura interdisciplinar. Em que medida a mediação tecnológica interfere nos mecanismos de aprendizado ético? Como influencia a tomada de decisões diante de dilemas complexos, a necessidade de preservar referências de identidade e o sofrimento da vida e do

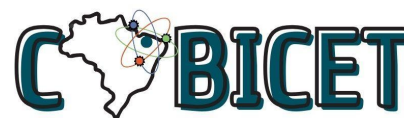
aprendizado? Essas questões tornam-se particularmente cruciais durante a adolescência, período marcado pela consolidação da identidade, pela plasticidade psíquica e pela ampliação das interações comunitárias, elementos que tornam esse grupo social particularmente sensível às diferentes pressões presentes no cenário digital.

O conceito de sofrimento moral fornece uma perspectiva analítica robusta para entender esse panorama, especialmente quando combinado às teorias do reconhecimento, da antropologia da moralidade ordinária e da ética do cuidado. Sob esse ponto de vista, é interessante considerar se os modelos de padronização comportamental das máquinas podem fomentar o silenciamento de vozes individuais, o que limita as oportunidades de escuta, reconhecimento mútuo e o processo de construção de significado.

Nesse sentido, essa análise parte da hipótese de que a crescente governança algorítmica reconfigura, ainda que parcialmente, os pilares do desenvolvimento ético e cria novos desafios para a prática pedagógica, para a transmissão cultural e para as comunidades de fé. Para examinar essa hipótese, realiza-se uma revisão integrativa da literatura, articulando contribuições das áreas da Educação, Psicologia, Direito, Ciências da Religião e Filosofia Moral.

MATERIAL E MÉTODOS

Este é um estudo qualitativo, de natureza teórica e analítica, desenvolvido no contexto de uma Revisão Integrativa da Literatura. Este método foi eleito por



sua possibilidade de coletar, contrastar e analisar achados de vários campos do conhecimento de forma transdisciplinar, contribuindo para a compreensão dos potenciais atritos entre novas tecnologias e o processo de maturação subjetiva.

A revisão foi motivada pela seguinte questão de pesquisa: como a literatura científica tem entendido a influência dos sistemas de IA na formação moral e na experiência de sofrimento moral na adolescência? O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases de dados Google Scholar e SciELO, e com operadores booleanos, utilizando os descritores "Inteligência Artificial", "formação moral", "discernimento moral", "sofrimento moral", "educação interdisciplinar", "cultura", "religião" e "desenvolvimento humano".

Foram incluídos artigos científicos revisados por pares, livros e obras de referência que abordam as interações entre tecnologias digitais, desenvolvimento humano, moralidade comum, reconhecimento intersubjetivo, educação e espiritualidade neste estudo. O corpus teórico contém autores cujo trabalho é essencial para o suporte dos principais conceitos mobilizados e foca em teorias de reconhecimento, antropologia da moralidade e ética do cuidado. A seleção é baseada na relevância temática da literatura em português e inglês. Estudos dedicados exclusivamente aos aspectos técnicos e engenharia de software, sem discussão de suas implicações sociais ou pedagógicas, foram excluídos. A análise de conteúdo nos permitiu organizar a discussão nas categorias analíticas delineadas a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A regulação tecnológica e a reconfiguração dos processos de formação moral

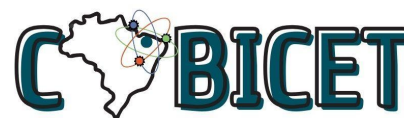
A literatura analisada demonstra que a expansão dos sistemas de Inteligência Artificial não pode ser analisada apenas como uma transformação de infraestrutura técnica. Ao integrar atividades ordinárias como a busca por informações, a comunicação e o apoio à tomada de decisões, esses mecanismos participam diretamente dos fluxos pelos quais os sujeitos interpretam situações e atribuem significado às próprias experiências (Crawford, 2021; O'Neil, 2016).

Sob essa ótica, os ambientes digitais não substituem as instituições tradicionais, mas passam a compartilhar com elas a circulação de valores que orientam a vida social. Família, escola e comunidades religiosas permanecem exercendo papel central; entretanto, convivem com plataformas que organizam fluxos informacionais, selecionam conteúdos por meio de vieses preditivos e

influenciam as formas de atenção e participação comunitária (Ammerman, 2007; Montero, 2006).

No tecido das instituições religiosas e dos ambientes voltados à transmissão de valores transcendentais, esse impasse adquire contornos ainda mais complexos. Historicamente, a consolidação da consciência moral nessas esferas ancorou-se na vivência corpórea, no peso do testemunho pessoal, na partilha ritualística e em exercícios hermenêuticos mediados por lideranças comunitárias. Essa engrenagem tradicional, contudo, sofre um forte tensionamento decorrente da imersão de crianças e adolescentes em ecossistemas algorítmicos que oferecem resoluções éticas imediatas, customizadas e desprovidas de qualquer atrito comunitário. Ao atuarem como instâncias concorrentes na produção de sentidos, os sistemas baseados em inteligência artificial generativa passam a fornecer uma espécie de aconselhamento automatizado que esvazia a busca pelo suporte pastoral, pelo engajamento institucional e pela própria reflexão teológica ordinária. Como bem adverte Jaco Hamman (2017), a imersão nos ecossistemas virtuais mobiliza um desejo regressivo de acolhimento sem fricção, onde as interfaces algorítmicas simulam estruturas de escuta personalizada, mas mostram-se ontologicamente incapazes de gerar o reconhecimento intersubjetivo genuíno — categoria que pressupõe a alteridade real e o confronto saudável com o outro na comunhão. Disso decorre uma encruzilhada crucial: enquanto as identidades confessionais tradicionais enfrentam o risco de liquefação perante a padronização cultural imposta por modelos de linguagem globais, impõe-se a necessidade imperiosa de que as comunidades de fé superem posturas de mero isolamento ou negação técnica, transitando em direção a práticas de escuta e acolhimento que consigam dialogar com as fraturas de uma geração cuja subjetividade foi radicalmente atravessada pela automação (Ammerman, 2007; Montero, 2006).

Nesse contexto, torna-se pertinente problematizar os limites do aconselhamento algorítmico diante da experiência religiosa comunitária. Embora sistemas generativos sejam capazes de produzir respostas personalizadas e linguisticamente estruturadas para dilemas morais, existenciais e espirituais, a simulação de escuta não equivale, necessariamente, à experiência intersubjetiva do reconhecimento. A formação religiosa, compreendida para além da transmissão de conteúdos doutrinários, constitui-se também na convivência, no pertencimento, na escuta e no confronto ético com o outro. Assim, quando adolescentes passam a recorrer prioritariamente a sistemas automatizados para a interpretação de conflitos e a busca de sentido, emerge o questionamento sobre os efeitos dessa mediação na construção do discernimento e dos vínculos



comunitários. Nesse cenário, às comunidades de fé impõe-se não apenas o desafio de responder à presença da Inteligência Artificial, mas de reafirmar e ressignificar sua função mediadora na formação moral e no acolhimento das experiências juvenis.

Essa reconfiguração exige interpretar o aprendizado ético como um território permanentemente negociado. Em diálogo com a antropologia da moralidade, observa-se que a construção do discernimento depende da possibilidade de compreender experiências singulares e estabelecer vínculos de alteridade (Lambek, 2010; Ricoeur, 1991). Nesse cenário, as redes técnicas deixam de constituir apenas recursos de apoio e passam a integrar os próprios ambientes nos quais os valores morais são aprendidos, questionados e reelaborados (Fassin, 2018).

Sofrimento moral, reconhecimento e desenvolvimento humano

A literatura também destaca que os efeitos da imersão digital não se distribuem de forma homogênea na sociedade. Durante a adolescência, fase caracterizada pela consolidação da identidade e pelo desenvolvimento do discernimento, a interação cotidiana com arquiteturas digitais assume importância singular. Durante esse período, dinâmicas de reconhecimento, pertencimento e validação mútua influenciam significativamente o desenvolvimento da autoestima e da responsabilidade.

Quando experiências humanas complexas e subjetivas passam a ser avaliadas por classificações automatizadas ou lógicas rígidas de padronização ("caixas-pretas"), surgem situações de sofrimento moral associadas à percepção de invisibilidade ou não reconhecimento. Conforme as teorias de Honneth (2009), a integridade do eu depende do reconhecimento nas esferas do afeto, do direito e da estima social. Quando a máquina cristaliza a biografia de um jovem com base em dados frios ou históricos estáticos, impede-se o direito à réplica e ao diálogo (O'Neil, 2016).

Embora as referidas angústias não decorram exclusivamente da tecnologia, a literatura sugere que determinados modos de organização dos ecossistemas digitais podem intensificar dinâmicas de exclusão simbólica. Isso afeta diretamente jovens em sofrimento psíquico, cujos sintomas clínicos (como o isolamento social, episódios depressivos, de ansiedade ou irritabilidade) correm o risco de ser catalogados pelos sistemas automatizados e burocráticos como indicadores estatísticos de "alto risco" ou desvio de conduta, aprofundando o estigma e a desvinculação cultural (Das, 2015).

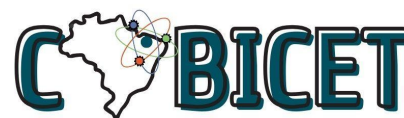
Instituições formativas, cultura e a experiência docente na educação básica

A literatura educacional contemporânea reitera que os processos de formação humana transcendem a mera transmissão de conteúdos programáticos; eles envolvem a construção compartilhada de identidades e formas de inserção na vida social. Diante disso, a inserção massiva de sistemas de Inteligência Artificial nos ambientes de ensino exige revisar urgentemente o papel dessas instituições. Esse desafio ultrapassa os muros da escola e alcança diretamente a cultura e as comunidades religiosas, instâncias que permanecem centrais na produção de sentidos e na elaboração ética das vivências (UNESCO, 2021).

Quem leciona no Ensino Médio — vivenciando o contraste entre a realidade de estágios na rede pública e o cotidiano em escolas privadas de classe média — traz uma perspectiva situada para esse debate. Na rotina escolar, observa-se que os adolescentes incorporam ferramentas digitais e IA às suas práticas de estudo de forma imediatista e sem reflexão crítica. Conforme apontam Amado e Carreira (2020), o uso de plataformas de resolução automática e ferramentas generativas não visa ao engajamento cognitivo, mas sim à supressão do esforço reflexivo. Copia-se o resultado perfeitamente formatado, gerando uma falsa percepção de competência. A escola não concorre com os ecossistemas virtuais a partir de uma posição neutra; ela precisa disputar ativamente, no cotidiano das salas de aula, o espaço de formação do discernimento real.

Essa disputa, contudo, não pressupõe a simples proibição ou rejeição das ferramentas de Inteligência Artificial no ambiente escolar. Ao contrário, exige uma mediação pedagógica capaz de deslocar o estudante da posição de mero receptor de respostas automatizadas para a de sujeito crítico diante dos resultados produzidos pela máquina. Nesse sentido, práticas que estimulem a comparação de respostas, a identificação de inconsistências, a justificativa de discordâncias e a defesa do próprio percurso argumentativo podem contribuir para que a IA seja incorporada como objeto de problematização, e não como substituta do esforço cognitivo. O desafio docente passa, portanto, pela construção de situações de aprendizagem nas quais o estudante seja convocado a interrogar, interpretar e julgar criticamente os dados apresentados pelos sistemas generativos.

Esse descompasso histórico ganha relevância ao analisar programas de formação inicial como o PIBID. Enquanto as urgências estruturais da escola pública concentram-se na garantia de insumos básicos e laboratórios funcionais, o debate sobre o letramento digital crítico e os impactos cognitivos da automação permanece em absoluto vazio



institucional, como bem discute Gatti (2021). O corpo docente é impelido a mediar a relação com sistemas preditivos sem o suporte de políticas de formação continuada. Sem esse amparo teórico-pedagógico, a instituição escolar corre o risco de converter-se em uma correia de transmissão acrítica de tecnologias mercadológicas (SELWYN, 2021), mascarando defasagens reais sob o rótulo da inovação.

Se as avaliações tradicionais podem ser integralmente liquidadas por um aplicativo em poucos segundos, a fragilidade não reside na tecnologia, mas na própria concepção das práticas pedagógicas. Escolas, redes culturais e comunidades de fé continuam indispensáveis como espaços de escuta e acolhimento, mas sua efetividade depende da transição para problemas complexos, que convoquem o julgamento humano frente aos dados da máquina. O freio moral e o discernimento não constituem métricas de desempenho automatizadas; configuram processos vivos, relacionais e, essencialmente, humanos.

CONCLUSÃO

A revisão integrativa da literatura indica que a expansão da Inteligência Artificial na realidade cotidiana, sobretudo nos ambientes educativos, está distante de ser uma mera transformação na infraestrutura técnica; ela representa, fundamentalmente, uma reconfiguração radical nos fluxos associados ao desenvolvimento do discernimento moral. A análise transdisciplinar construída neste estudo — que tensiona o rigor analítico das ciências exatas com a sensibilidade ética e pedagógica das humanidades — revela que a inserção acrítica e imediatista de ferramentas algorítmicas no cotidiano escolar tende a suprimir o esforço reflexivo essencial à cognição. Ao delegar a resolução de problemas complexos a modelos estatísticos opacos, o adolescente é privado das fricções saudáveis do aprendizado, substituindo o amadurecimento intelectual por uma ilusória percepção de competência ancorada em resultados perfeitamente formatados.

Essa dinâmica demonstra que o esvaziamento do freio moral e o surgimento do sofrimento moral não decorrem das tecnologias em si, mas da obsolescência de práticas avaliativas institucionais que reduzem o conhecimento a produtos passíveis de automação mecânica. Ademais, o descompasso histórico na formação docente inicial e continuada, evidenciado pelo silêncio teórico em programas estruturantes como o PIBID, fragiliza a ponta mais vulnerável desse processo. Sem o apoio de um letramento digital crítico, os professores são compelidos a mediar a relação com sistemas

preditivos sem o devido suporte institucional, ampliando o risco de que a escola abandone seu papel emancipatório para converter-se em uma mera correia de transmissão incondicional de lógicas puramente mercadológicas e corporativas.

Por conseguinte, a escola, a cultura local e as comunidades religiosas reafirmam sua indispensabilidade como eixos de resistência afetiva, formativa e ética face ao determinismo das máquinas. Contudo, a efetividade dessas instâncias secularmente responsáveis pela transmissão de valores depende de uma transição pedagógica e comunitária urgente. É imperativo migrar de um modelo focado na reprodução passiva de dados para uma proposta que priorize a formulação de problemas complexos, situados e relacionais, onde o testemunho vivo, a ritualística coletiva e o julgamento ético sobreponham-se aos aconselhamentos automatizados da máquina. O amadurecimento moral do indivíduo não pode ser aprisionado em métricas de desempenho probabilísticas ou em engrenagens de otimização estatística; ele constitui, em sua essência, um percurso vivo, aberto à plasticidade da mudança e eminentemente humano.

REFERÊNCIAS

- AMADO, N.; CARREIRA, S. *O impacto de aplicativos matemáticos no desenvolvimento cognitivo de estudantes do Ensino Médio*. Revista Eletrônica de Educação Matemática, v. 15, n. 2, p. 1-18, 2020.
- AMMERMAN, N. T. *Everyday Religion: Observing Modern Religious Lives*. Oxford University Press, Oxford, 2007.
- CRAWFORD, K. *The Atlas of AI: Power, Politics, and the Planetary Costs of Artificial Intelligence*. Yale University Press, New Haven, 2021.
- FASSIN, D. *A Companion to Moral Anthropology*. John Wiley & Sons, Malden, 2018.
- GATTI, B. A. *Formação de professores, trabalho docente e os desafios das novas tecnologias: o papel do PIBID*. Cadernos de Pesquisa, v. 51, n. 179, e07842, 2021.
- HAMMAN, Jacob J. *Growing Down: Theology and Human Nature in the Virtual Age*. Waco: Baylor University Press, 2017.
- LAMBEK, M. *Ordinary Ethics: Anthropology, Language, and Action*. Fordham University Press, New York, 2010.



MONTERO, P. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 74, p. 47-65, 2006.

O'NEIL, C. *Weapons of Math Destruction: How Big Data Increases Inequality and Threatens Democracy*. Crown Publishing, New York, 2016.

RICOEUR, P. *O Si-Mesmo como um Outro*. Editorial Presença, Lisboa, 1991.

SELWYN, N. *É a inteligência artificial o futuro da educação? Uma análise crítica sobre algoritmos, dados e o trabalho docente*. *Educação & Sociedade*, v. 42, e254567, 2021.

UNESCO. *Reimagining our futures together: a new social contract for education*. UNESCO, Paris, 2021.